

Passado e futuro em FH

O GLOBO 02 JAN 1995

GILBERTO PAIM

Num momento de intensas negociações sobre a formação de seu Secretariado, o governador eleito Mário Covas deixou de comparecer a duas reuniões políticas e voou de helicóptero para Campinas, a fim de homenagear o conferencista chileno Carlos Matos, na abertura de um seminário na Escola de Governo da Unicamp. Pouco antes, o presidente Clinton havia convidado o Chile para integrar o Acordo de Livre Comércio de Estados Unidos, Canadá e México.

Os dois fatos são opostos perfeitos. Carlos Matos saiu da Divisão de Desenvolvimento Econômico da Cepal (Comissão Econômica da ONU para a América Latina), para substituir Pedro Vuskovic no Ministério da Economia do Governo de Allende. Vuskovic, também cepalista, lançou a política antiamericana, inflacionária e alucinada que realizou metade da desorganização da economia chilena, no governo de consumada incompetência esquerdista. A Carlos Matos coube arrematar a obra de destruição da economia nacional, com o objetivo de tornar irreversível a implantação no país de uma ditadura do proletariado.

A homenagem de Covas ao herói do desastre chileno poderia ter o significado de um repto ao presidente Clinton, se na verdade não fosse um indispensável ato de solidariedade política ao conferencista visitante. A chegada de Matos a Campinas já era conhecida antes do término da cúpula de Miami, onde o presidente Fernando Henrique Cardoso testemunhou o convite ao Chile para participar do Nafta. Assistimos a gestos de antipodas. Esse convite traduzia o reconhecimento de todo o Hemisfério à instauração da economia mais moderna do continente, embora pouco industrializada.

Desde a posse do presidente socialista Patricio Aylwyn Azocar, em março de 1990, o Chile é saudado no continente pelo sistema político democrático que ostenta. A recente eleição do democrata-cristão Alessandro Frei restabelece o primado do centrismo e consolida o sistema pluralista, sob a égide de uma política econômica tão liberal, que poderia ter as bênçãos de Milton Friedman. Mas ocorre que a modernização do sistema econômico chileno foi

obra da ditadura do general Augusto Pinochet Ugarte, cujo mandato presidencial autoconcedido se estendeu por mais de 15 anos. Essa ditadura, acusada de inomináveis atrocidades contra a minoria formada por seus adversários, foi posta em quarentena por grande parte da comunidade internacional e chegou a sofrer restrições econômico-financeiras até mesmo dos Estados Unidos.

Mas a fixação de seus objetivos liberais e a persistência da política orientada para atingi-los conferiu a vitória ao liberalismo econômico. Força é reconhecer que o futuro ingresso do Chile na grande zona norte-americana de livre comércio não decorrerá da restauração do seu pluralismo democrático, que hoje desenha um sistema político modelar, mas da implantação de uma economia nacional realmente moderna.

Em seus primeiros anos ele comerá o pão que o diabo amassou,

No quadro econômico chileno são observados alguns destaques, como estes: eliminação do industrialismo artificial, vigência de preços realmente livres, desburocratização do comércio exterior, abertura para os investimentos estrangeiros e reformulação revolucionária da previdência social. Desde o começo dos anos 80, os saldos constantes da balança comercial permitiram o cumprimento fiel de compromissos com os bancos credores estrangeiros, o que tem feito no Chile um país confiável, de crédito externo amplo. Por isso mesmo, a aceleração do desenvolvimento econômico sob Pinochet permitiu ao povo chileno desfrutar hoje do maior produto nacional **per capita** da América Latina. Tomados os valores por habitante, o país do Pacífico é também o maior exportador da região.

O Chile é o pretexto deste artigo para demonstrar a existência de arestas no convívio do presidente Fernando Henrique com pessoas de suas relações de amizade às vésperas do exercício do poder. Mário Covas é seu amigo e correligionário político. E não duvidamos de que o eleito de 35 milhões tenha sido alvo de gestos de simpatia do ministro Carlos Matos, no seu período de exílio em Santiago. A parte esclarecida do eleitorado de Fernando Henrique percebe de relance as dificuldades com que se depara o presidente quando o vê colocado diante da homenagem de Covas a Matos e do convite do presidente Clinton ao Chile. Parece claro que o pêndulo vai bater na sineta do progresso. Pois o destino do Brasil é fazer parte do Acordo de Livre Comércio do Hemisfério Norte, o que importará em rejeição sumária das idéias que fizeram de Matos um herói de fancaria. Sobretudo, multidões de exemplos demonstram que não há amizade que resista ao conflito ideológico.

Enquanto Pérsio Arida, presidente nomeado do Banco Central, propõe a privatização dos bancos estaduais, o governador eleito de São Paulo, que pode estar condenado pela História a ser um fracasso administrativo, rebate a proposta com a afirmação de que o Banespa é indispensável ao desenvolvimento econômico estadual. Por sua vez, o plano Covas de transferência para o Tesouro Nacional do ônus da dívida pública paulista poderá levar o presidente Fernando Henrique a dizer, como Washington Luis, que não é presidente exclusivo de São Paulo. Por sinal, o presidente olímpico da República Velha, historiador metuculoso, era filho de Macaé. Se fosse um carioca das ciências sociais, poderia ser ainda mais explícito.

O futuro próximo deixará expostas divergências graves entre Fernando Henrique e seus aliados e tornará claro que o primeiro mandato do presidente não é uma linha reta entre dois pontos. Pois em seus primeiros anos ele comerá o pão que o diabo amassou quando tentar impor derrota aos interesses corporativos, para, como é do seu programa, articular o país com a ordem mundial e defender a maioria do povo dos sanguessugas que fazem do Estado o seu paraíso.